

O ALTRUISMO NA ÉTICA POSITIVISTA

João RIBEIRO JÚNIOR

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

"O Positivismo erige pois doravante em dogma fundamental, a um tempo filosófico e político, a preponderância contínua do coração sobre o espírito".

Augusto Comte

INTRODUÇÃO

O que realmente caracteriza a filosofia de Augusto Comte é a sua preocupação de se orientar pela moral, que nasce da fraternidade universal.

A moral comteana se funda no império do instinto, que nos inclina para os outros, e que se chama **Altruísmo**, termo criado por Augusto Comte, e empregado, pela primeira vez, no **Système de Politique Positive**.¹

O homem, para essa filosofia, tem instintos egoístas e altruístas. Se os primeiros são necessários, não o são menos os segundos, porquanto a Humanidade só pode viver em sociedade, e esta só progride, segundo Comte, pelo sacrifício e pela dedicação; de modo que a lei da existência da Humanidade, para ele, é uma lei que se resume na fórmula "**Viver para Outrem**", isto é, viver para a família, para a pátria, para a Humanidade. Por isso, a ética positivista consiste na preponderância dos instintos altruístas sobre os egoístas, preponderância que resulta fatalmente da educação e da ciência.

Littré e Taine, Spencer, Stuart Mill e Alexandre Bain aceitam essa moral, mas diferem quanto ao modo por que explicam a formação do altruísmo. A escola positivista francesa se baseia na fisiologia para descobrir, no nosso organismo, a origem e a lei da evolução do altruísmo; a inglesa funda-se na psicologia e no darwinismo, procurando demonstrar a evolução psicológica dos nossos sentimentos, de egoístas em altruístas, sob a influência do meio social. Para ambas, porém, a moral é relativa e variável, pois relativas e variáveis são as tendências e as evoluções do organismo.²

Este estudo se propõe a mostrar que o Positivismo tem uma ética exclusivamente sua, bem clara e precisa. Ética essa profundamente enraizada não só no espírito do tempo em que Comte viveu, como em exigências profundas da vida moderna, que então se fizeram sentir mais vivamente, mas que não se limitam, de certo, a um período da história humana.

1. A HUMANIDADE COMO PRINCÍPIO ÉTICO³

A palavra que mais comumente designa a idéia central da idéia positivista é **Altruísmo**, ou seja, o predomínio das inclinações sociais sobre as inclinações egoísticas.

Como Augusto Comte chegou a ela?

No século XIX, a idéia do amor ao próximo como princípio ético encontrou uma grande aceitação por parte de muitos pensadores, preocupados no momento em guardar o conteúdo da moral cristã, eliminando a concepção do mundo que lhe serve de base.

Saint-Simon, por exemplo, a desenvolveu num livro cujo título é significativo: **Novo Cristianismo** (1825); uma moral social sancionada pelos cientistas, tendo como princípio ético a fórmula: "todos os homens devem conduzir-se como irmãos uns para com os outros".

Augusto Comte tomou-lhe esta idéia,⁴ dando uma forma sistemática poderosa: o indivíduo deve à Humanidade os seus sentimentos, as suas faculdades intelectuais, e mesmo a satisfação de suas necessidades materiais. A Humanidade é a sua Providência e a sua criatura. O indivíduo só existe por ela e nela. Mais exatamente: o indivíduo é uma "abstração" e a Humanidade é o **Grande Ser (le Grand Être)**.

A Humanidade (O **Grande Ser**) é, para Comte, muito mais do que uma simples abstração, de forma vazia e inerte; é uma realidade, pois representa a comunhão de todos os homens em contínua solidariedade no tempo. A solidariedade, com a continuidade, é a condição fundamental da existência e do desenvolvimento da Humanidade. É, pois, na Humanidade que o homem irá satisfazer sua necessidade real de um Deus, e seu desejo de imortalidade. Seu destino moral será servir, acima de tudo, ao **Grande Ser**, a Humanidade.⁵

Coordenando tudo em torno dos supremos interesses da Humanidade, Comte edificou a **Síntese Subjetiva**⁶. Nada de absolutismo, porque "tudo é relativo, eis o único princípio absoluto". Nenhum espiritualismo, pois não há fenômeno sem sede material e os fenômenos inferiores independem dos superiores. Também nenhum materialismo, porquanto "os fenômenos mais nobres estão por toda parte subordinados aos mais grosseiros", mas nunca se reduzem a eles, nem deles resultam.

A partir desta perspectiva, Comte irá afirmar que “o homem se agita e a Humanidade o conduz”. Os problemas, tantos sociais e afetivos, como científicos e técnicos, são da sociedade, e a Humanidade, por um de seus órgãos, é a única que poderá solucioná-los.⁷ Assim, pode-se subordinar o egoísmo ao altruísmo, uma vez que os sentimentos têm condições exteriores para desenvolver o altruísmo.⁸ Daí Comte ter organizado toda uma Religião,⁹ (religião como prática de vida para o desenvolvimento efetivo do altruísmo e do amor), com seu **Culto** privado e público, profundamente racional; com seu **Dogma**, que consiste na **Filosofia Positiva**¹⁰ (concepção geral do mundo e do homem, pelo conhecimento das leis naturais imutáveis, que regem os fenômenos de todas as categorias); e com seu **Regime**, que dirige o progresso moral, enquanto que a **Política** dirige o progresso material. O **Regime** consiste na ação da Humanidade sobre si mesma, e compete principalmente à mulher; a **Política** consiste na ação da Humanidade sobre o mundo, e compete ao homem. O **Regime** divide-se em privado e público. O **Regime** privado subdivide-se em pessoal e doméstico.

O **Regime pessoal** é socialmente instituído pela subordinação do egoísmo ao altruísmo, segundo a lei “**Viver para Outrem**”. O homem isolado não existe, o que existe é a sociedade. O indivíduo só pode ser encarado como elemento do organismo coletivo; o seu primeiro **dever** é viver, mas viver dignamente, concorrendo para a conservação e o aperfeiçoamento da Humanidade, subordinando-se, assim, à família, como esta à pátria, e como a pátria à Humanidade.

Como base pessoal para o **Regime público**, cada qual deve impor-se a regra de “**Viver às Claras**”, ou seja, de nada fazer que não seja confessável, por mais reduzido que se torne o número de confidentes. O **Regime público** subdivide-se em cívico e universal ou internacional. Este tem por base a harmonia geral, que será extremamente facilitada com a formação das “pequenas pátrias”, de acordo com a tendência natural. O **Regime cívico**, por sua vez, repousa principalmente sobre a “**dedicação dos fortes pelos fracos e veneração dos fracos pelos fortes.**”

2. O ALTRUÍSMO COMO FUNDAMENTO DOS DEVERES

“**Viver para Outrem**” é o dever supremo que tem como complemento o “**Viver às Claras**”. Esses dois preceitos formam o melhor critério para apreciar as ações humanas. Só o que lhes é ajustável é moral.

Não tendo estes princípios limite nem restrição, segue-se que a idéia do direito do indivíduo deve apagar-se diante do dever.¹¹ Como diz Augusto Comte:

“em lugar de fazer consistir politicamente os deveres particulares no respeito dos direitos universais, conceber-se-ão, em

sentido inverso, os direitos de cada um como resultante dos deveres dos outros para com ele".¹²

Note-se que Comte não afirma que o direito subjetivo se manifesta pela obrigação correlata, mas, partindo da solidariedade que, em sua opinião, impera na sociedade, declara que a política positiva não reconhece nenhum direito além do de cumprir o dever, e assim nega, categoricamente, dentro desse raciocínio, a própria existência do Direito como tal:

"A noção de Direito deve desaparecer do domínio político como a noção de causa do domínio filosófico, porque ambas se referem a vontades indiscutíveis (...) O Positivismo não admite nunca senão deveres de todos para com todos, pois que seu ponto de vista sempre social não pode comportar nenhuma noção de Direito, constantemente fundada na individualidade.¹³ Nós nascemos carregados de obrigações de todo gênero para com os nossos predecessores, os nossos sucessores e os nossos contemporâneos. Elas não fazem depois senão desenvolver-se ou acumular-se antes que possamos prestar qualquer serviço. Sobre que fundamento humano poderia, pois, assentar a idéia do Direito, que razoavelmente suporia uma eficácia prévia? Por maiores que possam ser os nossos esforços, a mais longa vida bem empregada não nos permitirá jamais restituir senão uma parte imperceptível do que houvermos recebido. Entretanto, só depois de uma restituição completa é que ficamos dignamente autorizados a reclamar a reciprocidade dos nossos serviços. Todo direito humano é, portanto, tão absurdo quanto imoral. Pois que não existem mais direitos divinos, esta noção deve ser eliminada de todo, como puramente relativa ao regime preliminar e diretamente incompatível com o estado final, que não admite senão deveres em virtude de funções."¹⁴

Aqui é preciso analisar objetivamente os termos desta citação para não nos enganarmos sobre o pensamento de Augusto Comte. Ele concorda que foi útil, para acabar com a má organização do antigo regime, opor os direitos do homem aos direitos divinos. Contudo, para ele, o indivíduo não possui direitos para se opor à Humanidade, só tem deveres para com ela.

É essa obrigação para com a Humanidade que estabelece, no centro da ética positivista, uma concepção essencialmente altruística da dignidade moral.

Se só há deveres para o indivíduo é porque Comte vê na natureza humana dois caracteres essenciais: 1) a fraqueza das faculdades intelectuais contrastando com a sua alta necessidade para a evolução social; 2) a preponderância da vida afetiva sobre a vida intelectual e, naquela, dos

instintos egoístas sobre as nobres inclinações da sociabilidade. Esta aparente negação do nosso destino social explica-se com o fato “incontestável” de que a noção do interesse geral não poderia ser compreendida sem a do interesse particular, “pois que a primeira não pode resultar evidentemente senão do que a segunda oferece de comum aos diversos indivíduos.”¹⁵

Os “dois principais moderadores da vida humana”: a atividade intelectual e o instinto social — devem agir em harmonia, opondo-se à tendência ao relaxamento do trabalho e ao domínio dos instintos egoístas. Só assim, afirma Comte, o homem encontrará felicidade e equilíbrio entre o espírito conservador e o espírito progressista. Em favorecer estas influências moderadoras, está a primeira destinação da moral positivista.

É de se notar aqui que o Comte sociólogo cede lugar ao Comte moralista e reformador, quando tece comentários sobre a família, considerando-a a “verdadeira unidade social”, numa condenação direta ao individualismo. A vida doméstica, para ele, constitui “a base constante da vida social”; é na família que se realiza a “preparação inevitável”, a “transição necessária” para a sociedade, para a vida social. Por isso, “os graves ataques que recebe diretamente, hoje em dia, esta instituição fundamental devem, portanto, ser encarados como os mais terríveis sintomas de nossa tendência transitória à desorganização social”. Daí afirmar, categoricamente, que “só a filosofia positiva poderá dominar a inevitável exageração do espírito revolucionário e assentar a família em bases naturais verdadeiramente inabaláveis”.¹⁶

3. A TEORIA POSITIVA DA ALMA

O altruísmo positivista tem o seu fundamento sobre uma realidade psicológica da natureza humana, a qual é afirmada em contraste direto com a tese do Utilitarismo, para quem o útil é o fundamento da moralidade.

Assim, enquanto que em Hobbes, o sentimento de benevolência e de sociabilidade se explica não por uma tendência psicológica original, mas por uma exigência determinada por condições extrínsecas, para a satisfação de necessidades naturais e para a afirmação do poder; em Helvetius, todas as formas de benevolência se reduzem ao amor próprio e a própria idéia de justiça surge do desejo de poder e de felicidade; e em Bentham o ponto de partida psicológico é que o homem seja necessariamente e essencialmente egoísta; em Augusto Comte há uma concepção psicológica inteiramente diversa. O instinto social, que está para Comte em antítese com as tendências egoísticas, é originário como estas. O cuidado e a proteção dos filhos, que são instintivos não somente no homem como também nos animais, revelam a naturalidade profunda do impulso altruís-

tico originário, pois, segundo Comte, é a moral filha dos sentimentos altruístas, inerentes ao homem. A existência natural dos sentimentos altruísticos explica toda a ordem social.

É por isso que Augusto Comte insiste que para se praticar o dever é preciso, antes de tudo, cultivar diretamente o altruísmo.

Para tanto, Comte criou a teoria positiva da alma ou "conjunto das funções elementares do cérebro". Essas funções estão divididas em três grupos, os quais recebem, respectivamente, os nomes de **Coração** (pendores e sentimentos), **Espírito** (inteligência) e **Caráter** (atividade). O coração inspira, o espírito guia, o caráter executa.

Dentro desta teoria, os pendores ou sentimentos são pessoais ou egoístas, como o interesse e a ambição; ou então, sociais ou altruístas, como o afeto, a veneração e a bondade ou amor universal.

A moral positivista tem por fim a subordinação habitual do egoísmo ao altruísmo sob a sanção não só do interesse: instintos de conservação do indivíduo, ou instinto nutritivo; e da espécie, ou instinto sexual e instinto materno; como também da ambição, orgulho ou necessidade de domínio; e vaidade, ou necessidade de aprovação.

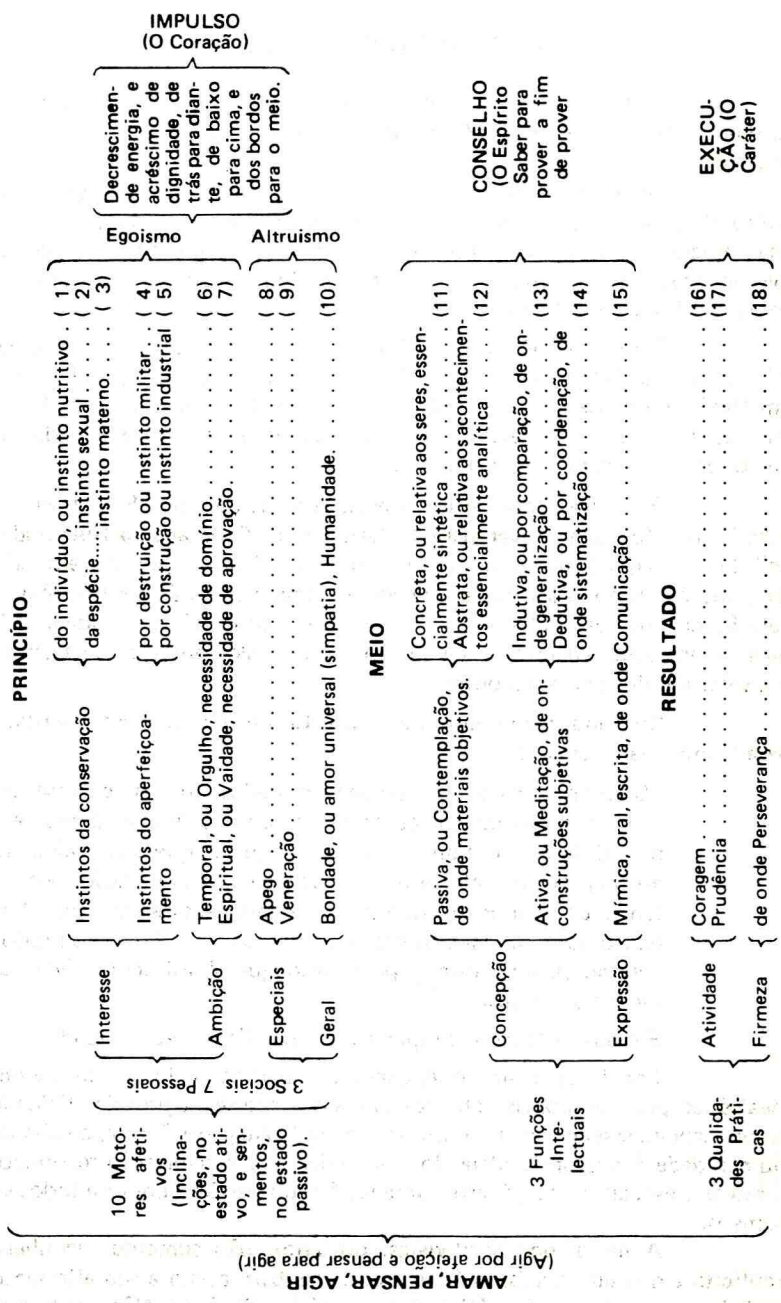
A inteligência divide-se em concepção e expressão; a concepção divide-se em contemplação (concreta ou sintética e abstrata ou analítica), em meditação (indutiva e dedutiva) e em firmeza (perseverança).

Portanto, o egoísmo compõe-se de sete instintos: nutritivo, sexual, materno, destruidor, construtor, orgulho e vaidade. O altruísmo é formado pelo apego, pela veneração e pela bondade. Essas dez funções afetivas irredutíveis (que correspondem a outros tantos órgãos) embora desigualmente, com intensidades diferentes, são a fonte da ética positivista.

A combinação de um ou vários pendores, tanto egoístas como altruístas, com a influência da inteligência (espírito) dá lugar às funções compostas do cérebro (cupidez, avareza, amor, dignidade, patriotismo, etc.), mediante as quais se caracterizam os atos e as pessoas.

Note-se que não se trata de destruir os instintos egoístas, mas somente de impedir seu desenvolvimento e, sobretudo, de os relacionar com os altruístas.

Para esta classificação positiva das dezoito funções interiores do cérebro, Augusto Comte elaborou o seguinte "**Quadro Sistemático da Alma**"¹⁷.



4. COMENTÁRIO CRÍTICO

A questão é saber se podemos considerar como constituindo a verdade moral o preceito **"Viver para Outrem"** e os deveres que disto resultam.

Senão vejamos. Se eu devo ter como bom **"Viver para Outrem"**, será que os outros, em nome do mesmo princípio, têm o mesmo devotamento para comigo, ou julgam mau este devotamento? Será que o mesmo ato, a mesma regra, o mesmo princípio, podem ser concebidos como válidos universalmente?

Será que **"Viver para Outrem"** significa que devo conceber minha individualidade como sem valor, como indigna de ser tomada como um fim? Sendo assim, como poderia ser ela estabelecida como um fim a que um outro se deva devotar? E por que, ainda, a individualidade do outro teria mais valor do que a minha?

Foi justamente devido a estas contradições que Stuart Mill¹⁸ substituiu a fórmula **"Viver para Outrem"** por **"Devotar-se à Humanidade"**. Porém, aqui também há um problema. Se a Humanidade for entendida como abrangendo a vida da espécie humana, a sucessão das gerações, a coleção das individualidades, recaímos na mesma contradição: a individualidade estabelecida ao mesmo tempo como sem valor por si mesma tendo um valor absoluto para um outro.

Contudo, como vimos, Augusto Comte tem um outro sentido para Humanidade, ou seja,

*"Conjunto dos seres humanos passados, futuros e presentes (...) Conjunto indica-vos bastante que não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum. Posto que todos nasçam necessariamente filhos da Humanidade, nem todos se tornam seus servidores, e muitos permanecem no estado parasitário que só foi desculpável durante a sua educação."*¹⁹

Em outros termos, a espécie humana não é a Humanidade!

Conclui-se, assim, que, para o Positivismo, a Humanidade é um ideal ético por sua própria natureza, ainda que não seja a própria eticidade numa maneira essencial de exprimir-se. Segundo Augusto Comte, a idéia de Humanidade é a própria idéia do valor ético que a civilização reconhece como fim específico do gênero humano; fim que se deve impor a todos os homens.

A moral dos positivistas, portanto, não somente reconhece implícito em si um idealismo ético, como também aceita a sua afirmação tradicional, religiosa e filosófica dos princípios da ética. Não contrapõe

uma moral de todo diversa, mas se propõe a estabelecer os fundamentos da ética, que resultam da história como característica da Humanidade.

Em suma, dos dados da filosofia positiva chega-se ao princípio da idealidade antiegoística das ações humanas, ou seja, à afirmação da moralidade. Os dados dessa filosofia sendo **positivos**, a afirmação que os consagra resulta também positiva; de maneira que se pode dizer que o Positivismo salva cientificamente a moralidade.

CONCLUSÃO

A ética positivista, fundada sobre os sentimentos altruístas estabelece o amor ao próximo ao mesmo tempo como matéria e como fundamento do dever: 1) a matéria do dever, ou seja, o que nos é ordenado, é amar sem limites os nossos semelhantes; donde a obrigação de fortificar em nós este amor e, sobretudo, generalizá-lo, pois se amamos uns e não outros, ou uns mais do que outros, o nosso amor é insuficiente e limitado. Nisto a moral altruísta está de acordo com outras teorias e, particularmente, com a moral cristã. 2) por que este dever? O Cristianismo, por exemplo, o fundamenta sobre o valor absoluto do amor a Deus. O fim principal é amar a vontade divina e, uma vez transportados nela por um abandono definitivo, aparece a obrigação subordinada de amar os semelhantes. Para a moral altruísta, o amor ao próximo vale por si mesmo, absolutamente. É o fundamento de todos os deveres particulares, tendo somente como fundamento o seu próprio valor.

Dá uma verdadeira hierarquia dos deveres de cada um, que consiste em viver para a família, subordinando-a à Humanidade, que há de ser sempre o fim supremo do amor. Do amor que é princípio.

A plenitude ética do Positivismo se caracteriza, portanto, pela subordinação do progresso à ordem, da análise à síntese, do egoísmo ao altruísmo, que se condensa afinal na fórmula "**O amor por princípio e a Ordem por base; Progresso por fim.**"

NOTAS

(1) Augusto Comte fala pela primeira vez da Moral como ciência distinta no **Discours Préliminaire sur L'Ensemble du Positivisme** (p. 87), escrito em 1848, que mais tarde irá figurar como preâmbulo do **Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité**, redigindo entre 1851 a 1854. O emprego do termo "**altruísmo**" aparece no capítulo I do 2º volume dessa obra, pp. 11, 55, 432.

(2) A moral positivista dessas duas escolas deverá ser discutida, oportunamente, em ensaio em elaboração.

(3) A Humanidade é aqui entendida como aquilo a quem nos cumpre amar, conhecer e servir. Mas é preciso ver a diferença entre a espécie humana e a Humanidade, porque

de acordo com os princípios do Positivismo, da Humanidade não fazem parte os malfetores nem os parasitas. A Humanidade, para Comte, é o conjunto dos seres convergentes passados, presentes e futuros. Nessa imensa e eterna cooperação, a continuidade das gerações sucessivas prevalece sobre a solidariedade dos contemporâneos. Daí **"Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos."**

(4) Comte foi colaborador e secretário de Saint-Simon durante seis anos (1818-1823). Em vários trechos de sua imensa obra, Comte diz-se encantado com o discurso saint-simoniano, que concebia o mundo como uma vasta oficina, na qual a produção, organizada de modo a alcançar o máximo de expansão, asseguraria, com a prosperidade, a melhor organização social. Esta organização estava baseada na seguinte regra: **"a cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas obras"**. O aperfeiçoamento da indústria constitui o objetivo colimado, mas para tanto torna-se necessário que as luzes da ciência emanassem sobre os homens, para que eles não se guiassem por um Deus inexistente, mas sobre princípios morais incontestáveis, na condução do trabalho produtivo que cultivaria, por sua vez, sentimentos elevados, enterrando interesses e ambições menores.

(5) A Humanidade no Positivismo é representada por uma mulher de 30 anos, com seu filho nos braços (Clotilde de Vaux, a inspiradora de Comte), que reúne os atributos supremos da natureza humana: o máximo altruísmo e o mínimo egoísmo, a maior ternura e a maior pureza, no tipo Virgem Mãe, cuja utopia é o resumo do próprio Positivismo. Observe-se que quando se considera a Humanidade como **Grande Ser** é preciso considerar também a sua sede, a Terra ou **Grande Fetiche**, e o Espaço, o **Grande Meio**, que formam a Trindade positivista.

(6) **Synthèse Subjective ou Système Universelle des Conceptions propres de l'Etat Normal de l'Humanité**. Paris, Victor Dalman, 1856 (2ª ed. 1900). Nesta obra, Comte tenta coordenar, pelo princípio da Humanidade, que sua Política tirou de sua Filosofia, o estado normal da natureza humana.

(7) **"Basta reconhecer que, posto que o conjunto da Humanidade constitua sempre o principal motor de nossas operações quaisquer, físicas, intelectuais, ou morais, o Gran-Ser nunca pode agir senão por intermédio de órgãos individuais. É por isso que a população objetiva, apesar de sua subordinação crescente à população subjetiva, continua necessariamente indispensável a toda influência desta. Decompondo, porém, essa participação coletiva, vê-se afinal que ela resulta de um livre concurso entre esforços puramente pessoais. Eis aí o que deve reerguer cada digna individualidade em presença do novo Ente-Supremo, ainda mais que perante o antigo. Com efeito, este não tinha realmente nenhuma necessidade de nossos serviços quaisquer, senão para vãos louvores, devendo, até, sua pueril avidês por eles degradá-lo aos nossos olhos. Recordai-vos deste verso decisivo da Imitação: 'Eu te sou necessário, e tu de nada me serves'. Poucos sem dúvida são os homens que se podem considerar como realmente indispensáveis à Humanidade: isto só quadra aos verdadeiros promotores de nossos principais progressos. Mas toda digna existência humana pode e deve sentir habitualmente a utilidade de sua cooperação pessoal nessa imensa evolução, que cessaria necessariamente logo que todos os seus mínimos elementos objetivos desaparecessem a um tempo..."** (Augusto Comte. **Catecismo Positivista**, pp. 77-78).

(8) Émile Boutroux em seu estudo sobre a **Ciência e Religião na Filosofia Contemporânea**, pp. 16-17, comenta: **"São os sentimentos altruístas que, unicamente, podem criar e manter o estado social, reprimindo os ímpetos divergentes dos instintos individuais. A existência das sociedades está, pois, ligada a um estado de coisas que nem a inteligência nem o instinto podem realizar. Resta procurar, para os sentimentos altruístas do homem, uma assistência que a reforce e lhe dê preponderância sobre o instinto egoísta. Foi esta assistência que, no passado, lhe deram as religiões. Estas fizeram, a seu modo, a união dos corações, condição da união das inteligências. Deve**

ser acatado e conservado o fundo humano de tais instituições, se bem que sejam condenados a desaparecer os dogmas com que elas se impuseram. É a religião, a ela própria regenerada, quem fornecerá o primeiro princípio da regeneração das sociedades. O método a seguir para que se opere esta restauração é libertar dos elementos negativos e caducos que contêm as religiões tradicionais, o elemento positivo, humano, indestrutível, de que foram veículo. Deste modo completar-se-á o positivismo, de que é assim a religião positiva o ponto culminante."

(9) Ver meu artigo "Religião e Positivismo" in **Reflexão**. Campinas (PUCCAMP) 7(23): 86-110, maio/agosto de 1982.

(10) Releva notar que a Filosofia Positiva não se preocupa com as causas primárias ou finais, nem com a natureza íntima dos fenômenos, porque, segundo Comte, são indagações inacessíveis e ociosas. Nunca se explica **porque**, apenas se constata **como** as coisas se passam. As leis, para o Positivismo, exprimem relações constantes de dependência entre fenômenos que variam de intensidade. A ciência é abstrata, criando a teoria, e a arte é concreta dirigindo a prática. O domínio da ciência compreende a **Filosofia Primeira**, formada pelo conjunto de quinze leis universais, isto é, comuns, sob diversas formas, a todas as classes de fenômenos; a **Filosofia Segunda**, constituída pelas leis especiais relativas às ciências que estabelecem o conhecimento do mundo e da Humanidade, e que são a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral ou ciência da Humanidade; e, finalmente, a **Filosofia Terceira**, que abrange as regras práticas para a "ação total da Humanidade sobre a Terra", que se reduz a "**Saber para prever a fim de prover.**"

(11) Ver meu artigo "Crítica à Concepção Comteana do Direito" in **Reflexão**. Campinas (PUCCAMP) 2(6): 203-212, julho de 1977.

(12) Augusto Comte. **Cours de Philosophie Positive**, IV, p. 315.

(13) Comte combate aqui não só o individualismo metafísico e absoluto que caracterizava o Direito de seu tempo, formado pelo modelo dos jusnaturalistas abstratos, que haviam tentado construir artificialmente a sociedade e o Estado, como também seu método dedutivo, idealístico.

(14) Augusto Comte. **Catecismo Positivista**, pp. 263-264.

(15) **Idem**. **Cours de Philosophie Positive**. IV, p. 393.

(16) **Ibidem**, pp. 398 e ss.

(17) "Tableau Systématique de l'Ame" in **Système de Politique Positive**, I, pp. 726-727.

(18) Stuart Mill não aceita a rigidez moral de Comte. Ele prefere uma Humanidade onde os indivíduos vivam tranquilamente, na busca da maior felicidade em suas próprias ocupações, respeitando e convivendo com todos, sem necessidade de um altruísmo tão absoluto, que leve a não se permitir nada de pessoal. Admite a moral comteana, mas somente como nível heróico, não como norma obrigatória. Para ele, a atitude de total exigência moral de Comte, seria calvinista. (Cf. John Stuart Mill. **Augusto Comte y el Positivismo**, passim).

(19) Augusto Comre. **Catecismo Positivista**, p. 72.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, Pierre. **La Pensée d'Auguste Comte**. Paris, Bordas, 1969.

_____. **Le Nouveau Dieu. Préliminaires à la Politique Positive**: Paris, J. Vrin, 1973.

BOUTROUX, Émile. **Sciencia e Religião na Philosophia Contemporanea**. Rio, Liv. Garnier, 1924.

- BRAGA, Teófilo. **Traços Gerais da Philosophia Positiva**. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1877.
- CLAVEL. **La Morale Positive**. Paris, Lib. Germer Baillièrre, 1873.
- COMTE, Augusto. **Cours de Philosophie Positive**. Paris, Lib. Baillièrre et Fils 4ed., 1877, 6 vols.
- _____ **Catecismo Positivista**, Rio, Templo da Humanidade, trad. Miguel Lemos, 4 ed., 1934.
- _____ **Apelo aos Conservadores**. Rio, Templo da Humanidade, trad. Miguel Lemos, 1899.
- _____ **Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité**. Paris, Lib. Scientifique et Industrielle de L. Mathias, 1851-1854, 4 vols.
- _____ **Synthese Subjetive ou Système Universel des Conceptions propres a l'état normal de l'Humanité**. Paris, Victor Dalman, 2ª ed. 1900.
- DEVOLVÉ, J. **Réflexions sur la Pensée Comtienne**. Paris, Alcan, 1932.
- LAFFITTE, Pierre. **Moral Positivista**. Rio, Liv. S. José, trad. J. Francisco Sousa e Antenor Rangel Filho, 1938.
- LAGARRIQUE, J. Enrique. **A Religião da Humanidade**. Rio, Liv. S. José, trad. Américo Duarte de Viveiros, 1954.
- LINS, Ivan Monteiro de Barros. **O Positivismo como Religião e Alguns Aspectos de sua atuação no Brasil**, Fortaleza, 1962.
- OLIVEIRA, Henrique Batista da Silva. **Nota sobre o Positivismo**. Rio, 4 ed, 1979.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. "Religião e Positivismo" in **Reflexão** 7(23): 86-110, maio/agosto de 1982.
- _____ "Crítica à Concepção Comteana do Direito" in **Reflexão** 2(6): 203-212, julho de 1972.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é Positivismo**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.
- RUTTEN, Christian. **Essai sur la Moral d'Auguste Comte**. Paris, Belles Lettres, 1972.
- STUART MILL, John. **Augusto Comte y el Positivismo**. Buenos Aires, Ed. Aguilar, 1972.
- WALCH, J. **Bibliographie du Saint-simonisme, avec trois textes inédits**. Paris, J. Vrin, 1967.